

## ENTRE NUDES, VINGANÇA PORNOGRÁFICA E *SEXTING*: O QUE O ENSINO DE BIOLOGIA TEM A VER COM ESSAS QUESTÕES?

### BETWEEN NUDES, PORNOGRAPHIC REVENGE AND *SEXTING*: WHAT DOES THE BIOLOGY TEACHING HAVE TO DO WITH THESE QUESTIONS?

### ENTRE NUDES, VENGANZA PORNOGRÁFICA Y *SEXTING*: ¿QUÉ TIENE QUE VER LA ENSEÑANZA DE BIOLOGÍA CON ESTAS CUESTIONES?

*Suzana da Conceição de Barros<sup>1</sup>; Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>*

#### Resumo

Neste texto, procuramos discutir a importância do ensino de Biologia nas discussões vinculadas à prática do *sexting*. Essa prática consiste no compartilhamento e postagem de mensagens, fotos e vídeos de conotação sexual, sensual e erótica, por meio de tecnologias digitais, para namorados/as, ficantes, paqueras, amigos/as ou para uma multidão de conhecidos/as e desconhecidos/as. A disciplina de Biologia é entendida como um espaço autorizado a discutir sobre os corpos e as sexualidades, no entanto, essas discussões são ancoradas em saberes biomédicos, orgânicos e higienistas. Entendemos que o ensino de Biologia deve levar em consideração as relações sociais, culturais e políticas, que envolvem as temáticas de corpos, gêneros e sexualidades, abrindo brechas para que discussões como o *sexting* ocorram na escola.

**Palavras-chave:** Sexting; Gênero; Sexualidade; Ensino de Biologia; Biologia maior e menor.

#### Abstract

In this text, we seek to discuss the importance of teaching Biology in discussions related to the practice of sexting. This practice consists in the sharing and posting of messages, photos and videos of sexual, sensual and erotic connotation, through digital technologies, for boyfriends, girlfriends, dating and flirting guys or girls, friends or for a crowd of known and unknown people. The discipline of Biology is understood as a space authorized to discuss bodies and sexualities; however these discussions are anchored in biomedical, organic and hygienist knowledge. We understand that the teaching of Biology must take into account the social, cultural and political relations, which involve themes like bodies, genders and sexualities, providing opportunities to discussions such as sexting take place at school.

**Keywords:** Sexting; Gender; Sexuality; Biology teaching; Major and minor biology.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde - Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, RS - Brasil. Professora de ciências. - Escola: E.M.E.F. Prof. Manoel Martins Manoel. Parque São Pedro - Rio Grande, RS. **E-mail:** [prof.suzanabarros ciencias@gmail.com](mailto:prof.suzanabarros ciencias@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Biológicas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS - Brasil. Pós-Doutorado na Escola Superior de Educação de Coimbra/Instituto Politécnico de Coimbra/PT. Professora Titular do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências - Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, RS - Brasil. **E-mail:** [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)



## Resumen

En este texto buscamos debatir la importancia de enseñar la Biología en discusiones relacionadas a la práctica del *sexting*. Esta práctica consiste en compartir y publicar mensajes, fotos y videos de connotación sexual, sensual y erótica, a través de tecnologías digitales, para novios, citas, coqueteos, amigos o para multitud de conocidos y desconocidos. La asignatura de la Biología se entiende como un espacio autorizado para discutir sobre cuerpos y sexualidades, sin embargo, estas discusiones están ancladas en conocimientos biomédicos, orgánicos e higienistas. Entendemos que la enseñanza de la Biología debe tener en cuenta las relaciones sociales, culturales y políticas, que involucran la temática de cuerpos, géneros y sexualidades, abriendo huecos para discusiones como el *sexting* en la escuela.

**Palabras clave:** Sexting; Género; Sexualidad; Enseñanza de Biología; Biología mayor y menor.

\*\*\*

*Eu vou jogar na internet  
Nem que você me processe,  
Eu quero ver a sua cara  
Quando alguém te mostrar;  
Quero ver você dizer que não me conhece.  
Você mente que nem sente;  
Semana passada mesmo, a gente ficou...  
Sem que você percebesse,  
Eu gravei de nós um vídeo de amor.*

*Max e Mariano*

## 1 Introdução

Iniciamos o texto com o trecho de uma música sertaneja chamada “Eu Vou Jogar na Internet”, pois ela narra um caso de um homem que filmou escondido, por meio do telefone celular, a relação sexual que teve com uma mulher, a qual finge que não o conhece quando passa por ele na rua. Como vingança, em função de ela o ignorar, ele posta na internet o vídeo íntimo do casal. Esse, por sua vez, foi gravado sem o consentimento da vítima.

A música em questão relata um caso relacionado a uma prática chamada de vingança pornográfica (*revenge porn*), que significa a postagem ou o compartilhamento de fotos/vídeos íntimos (que mostrem corpos nus ou imagens de relação sexual), sem a autorização de um dos sujeitos que aparece nos materiais. Ao contrário do que ocorre na narrativa abordada na música “Eu vou postar na Internet”, Michael Salter e Thomas Crofts (2020) indicam que a maioria dos materiais íntimos, sejam eles vídeos ou fotos, são produzidos com consentimento das vítimas. No caso a postagem/publicação do material que não é realizada em comum acordo entre os/as parceiros/as, geralmente, a divulgação do material ocorre como forma de vingança após a ruptura de um relacionamento. É por isso que se utiliza o termo vingança pornográfica para nomear tal prática.



Outro modo de exposição da intimidade, muito comum e popular, é a produção de nude ou nudes. Essa prática caracteriza-se pela produção e envio de selfies sensuais ou eróticas, que expõem corpos nus ou seminus, para um determinado sujeito. Para tanto, são utilizados aparelhos smartphones. O nude/nudes vem sendo usado, na contemporaneidade, como forma de sedução, conquista e flerte. No primeiro semestre de 2015, essa conduta tornou-se mais popular, viralizando na internet através da expressão “manda nudes”. Segundo Alex Primo, Ludmila Lupinacci, Vanessa Valiati e Laura Barros (2015, p. 524):

“Manda nudes” faz referência ao pedido de alguém para que o outro envie fotos sem roupa. Esse tipo de solicitação, que aparece com variados níveis de sutileza ao longo da trajetória de usos de ferramentas on-line — como, por exemplo, “tem cam?”, típico de chats e do MSN Messenger — normalmente é feito em conversas privadas, através de plataformas que permitem conversação de um para um.

Um dos aplicativos mais empregado, pelos praticantes de nudes, é o WhatsApp, o qual é facilmente instalado nos celulares smartphones e de baixo custo financeiro. Desse modo, entendemos que a viralização do envio de nude/nudes está relacionado aos avanços e à popularização dos telefones smartphones. Os referidos aparelhos apresentam uma gama de funcionalidades, possibilitando desde a produção das fotos, até o compartilhamento delas, já que eles possibilitam a conexão com a internet. André Lemos (2013) salienta que, na contemporaneidade, o “celular passa a ser um ‘teletudo’”, ou seja, além de funcionar como telefone, é também máquina fotográfica, filmadora, televisor, computador, tendo entre outras funcionalidades.

A mobilidade e as diversas funcionalidades do celular têm permitido que, em qualquer espaço e tempo, algo possa ser filmado, gravado e transmitido, inclusive em tempo real. Por esse viés, podemos dizer que o celular é “mais do que uma máquina de contato oral e individual para ser um verdadeiro centro de comunicação, um controle remoto para diversas formas de ação no cotidiano, uma forma de manter em contato permanente a sua ‘comunidade individual’” (LEMOS, 2013). Assim, por serem esses teletudo, como intitula Lemos (2013), eles possibilitam a produção das fotos íntimas e seu compartilhamento sem limites.

Acreditamos que essas práticas (*revenge porn*, nude/nudes, entre outras), podem ser consideradas algumas facetas do fenômeno do *sexting*, o qual surgiu, nos países anglo-saxões, por volta de 2005. O nome dado a essa prática surge da combinação de duas palavras: sexo (*sex*) e mensagem (*texting*), ou seja, o termo designa o envio de mensagens de conotação sexual.

O *sexting* consiste no compartilhamento e na postagem de mensagens, fotos e vídeos de conotação sexual, sensual ou erótica por meio de tecnologias digitais, como smartphone, iphone, tablets, computadores, ou em sites de redes sociais, a exemplo do Facebook e do Twitter. São enviadas para namorados/as, ficantes, paqueras, amigos/as ou para uma multidão de conhecidos/as e desconhecidos/as, quando postados na internet (SAFERNET BRASIL, 2012).



O termo não é empregado apenas para os sujeitos que compartilham seus próprios materiais, mas também é um praticante de *sexting* quem envia o material alheio. “O termo também está sendo usado em outros casos, além da transmissão por seu autor via celular. Por exemplo, quando a imagem chega ao telefone de outras pessoas e estas por sua vez, as reenviam, essas pessoas também estariam praticando sexting” (FERNÁNDEZ, 2013, p. 73). Dessa forma, todos/as que compartilham mensagens, fotos e vídeos de conotação sexual, mesmo que seja um material que foi recebido de terceiros/as, pode ser considerado/a um praticante de *sexting*.

A produção das fotos e dos vídeos, bem como a postagem e o compartilhamento das imagens íntimas só se tornam possíveis de serem realizadas por causa do advento das tecnologias digitais. Logo, são essas novas tecnologias (smartphones, webcam, tablets, etc.), as propulsoras do *sexting*. Na concepção de González e Fernández,

quando mencionamos a origem do sexting, percebemos que vem com o aparecimento dos meios de comunicação, que têm sido muitas vezes utilizados para enviar conteúdo de natureza sexual (erótico, pornográfico...), mas, com a chegada de novas tecnologias, surge um grande perigo: a divulgação massiva e descontrolada de tal conteúdo. Isto é, quando ele realmente faz sexting (2015, s/p, nossa tradução).

Nesse sentido, as tecnologias digitais têm possibilitado que todos/as nós possamos ter acesso à informação produzida, tanto na mídia massiva quanto pela mídia pós-massiva. Entretanto, principalmente, permite que todos/as nós possamos produzir e emitir informações, ou seja, permite a transformação de todos nós em jornalistas cidadãos. Assim, “a web permite a cada um tornar-se produtor de informações (um jornalista, no sentido essencial da palavra), um jornalista de si, mas também de tudo aquilo que é possível testemunhar com smartphones, palm ou laptop nas mãos” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 82).

Dessa maneira, todos/as nós podemos postar artefatos, tais como fotos, vídeos, poemas, músicas, entre outros, posicionarmo-nos publicamente, narrar acontecimentos, postar vídeos e imagens sobre tudo o que vem ocorrendo conosco e ao nosso redor. “O jornalismo cidadão ganhou força a partir dos últimos adventos tecnológicos como celulares, palms, tablet e câmeras digitais, e a partir da evolução do ciberespaço, com a revolução dos blogs, microblogs e interfaces como o Twitter e o Facebook” (ÁLVARES, 2011, p. 53).

Nesse contexto, na vida cotidiana – problemas nos bairros, acidentes que ocorrem, manifestos, passeios realizados, amores correspondidos ou não –, o que os sujeitos vivenciam e sentem acabam se tornando algo transparente. Tudo isso pode ser postado para uma multidão. Portanto, “o social torna-se transparente pela gestão tecnocrática, a natureza é lida e traduzida pelos olhos implacáveis, a comunicação torna-se instantânea e planetária na troca sem ruído de informação. Assim, surge um outro mito supremo da modernidade: as transparências - social, comunicacional, política” (LEMOS, 2010, p. 49).



Sendo a sexualidade uma questão sociocultural, essa também vem passando por um processo de se tornar transparente em nossa sociedade. Embora algumas vertentes a entendam como um dado da natureza, uma essência, que estaria ligada apenas à biologia dos corpos, nós consideramos a sexualidade enquanto uma invenção histórico-cultural (FOUCAULT, 2007; RIBEIRO 2002; BARROS, 2014). Em decorrência disso, ela é constituída e definida em meio às relações sociais, as quais colocam em ação determinadas regras, proibindo, liberando e prescrevendo determinados comportamentos como sendo certos, errados, normais ou anormais.

Nesses processos de regulação da sexualidade, ela foi sendo constituída como uma questão privada, que deveria ser discutida e vivenciada no âmbito da família, do casal e da intimidade (FOUCAULT, 2007; RIBEIRO 2002; BARROS, 2014). No entanto, na contemporaneidade, a sexualidade tornou-se algo a ser visibilizado, ou seja, vem sendo exposta, como as diversas outras atividades cotidianas que desenvolvemos. Logo, as relações sexuais, os modos de sentir prazer e os desejos dos sujeitos tornam-se algo a ser visibilizado e escancarado por intermédio das tecnologias digitais. Isso vem possibilitando a existência do fenômeno do *sexting*.

Essas tecnologias (incluindo os vídeos e as fotos) propagam imagens e cenas cotidianas vinculadas à sexualidade. Para André Lemos, o erotismo tem ganhado um espaço de destaque na cibercultura, com a disseminação desenfreada de “sites X-pornográfico, (pedofílicos), chats eróticos, webcams e, em menor grau, a realidade virtual” (2010, p. 161). Todavia, conforme o autor, esses materiais ainda repercutem o que a mídia massiva já trazia sobre pornografia. No entanto, Lemos (2010, p. 161) acredita que “o desenvolvimento de tecnologias da realidade virtual vai trazer ainda grandes possibilidades para a emergência de novas práticas da sexualidade no ambiente eletrônico”.

O *sexting* (nudes e a vingança pornográfica) pode ser entendido como uma dessas novas práticas relacionadas à sexualidade, a qual emergiu devido ao desenvolvimento das tecnologias e a alguns outros fatores socioculturais. Nesse contexto, as tecnologias digitais podem ser entendidas como clarões ou regimes de luz que possibilitam que os sujeitos produzam fotos e vídeos de conotação sensual/sexual/erótica e compartilhem-nas com quem quiserem, ou seja, tornem-se jornalistas cidadãos. Assim, as tecnologias digitais podem ser entendidas como campos de visibilidade para a prática do *sexting*. Nesse contexto, as tecnologias digitais acabam funcionando como verdadeiras vitrines digitais, que possibilitam que os corpos e a sexualidades sejam expostos como mercadorias.

A prática do *sexting* vem crescendo mundialmente e tornando-se motivo de preocupação para alguns sujeitos, tais como professores/as, diretores/as, delegados/as, psicólogos/as e pais. Além disso, é razão de preocupação para algumas instâncias sociais, a saber: escolas, famílias, delegacias e organizações sem fins lucrativos.

Dentre essas ONGs, a Safernet Brasil vem desenvolvendo um trabalho de destaque, de modo a enfrentar, orientar e prestar ajuda quando ocorrem casos envolvendo crimes cibernéticos como o *sexting*. Ela vem se dedicando a pesquisar, divulgar e orientar sobre os casos que envolvem essa prática. Segundo suas pesquisas, os casos de *sexting* sofreram um aumento vertiginoso nos últimos anos, principalmente de 2012 a 2018, quando houve um salto no atendimento prestado pela Safernet nos casos relacionados ao fenômeno do *sexting*, como verificaremos a seguir.

A fim de oferecer orientação e proteção a pessoas que estejam com algum problema cibernético (aliciamento sexual infantil, *ciberbullyng*, conteúdos impróprios e violentos, encontros virtuais, problemas com compras, *sexting*, entre outros), a Safernet Brasil criou canal de serviços chamado de *helpline*. Nesse canal, são oferecidos atendimentos que são realizados por uma equipe de psicólogos, e o contato com os atendentes pode ser realizado por chat ou por e-mail. “Os atendimentos são gratuitos e o número máximo de orientações pelo chat ou pelo e-mail é de 4 (quatro) encontros” (SAFERNET BRASIL, 2016).

Ao entrar no canal *helpline* da Safernet (<http://new.safernet.org.br/helpline>), encontramos dados sobre os atendimentos prestados. Navegando nesse canal, localizamos alguns índices das principais violações para as quais os/as internautas brasileiros/as procuram ajuda. Tais índices mostram que, em 2012, o número de pessoas que solicitaram atendimento para resolver questões relacionadas ao *sexting* não chegava a 20%. Por outro lado, em 2015, os casos de *sexting* já ocupavam o topo da lista, ou seja, mais de 80% dos atendimentos realizados pelo *helpline* estavam atrelados a esse fenômeno. Já em 2017, o vazamento de imagens íntimas foi o terceiro tópico de números de atendimentos feitos pela rede, chegando a quase 300 atendimentos no ano de 2017. Já em 2018, a exposição de imagens íntimas passou a ocupar o primeiro lugar nos principais tópicos de atendimento da Safernet, totalizando mais de 600 atendimentos e, no ano de 2020, com a pandemia, ocorreu uma mudança nos tipos de atendimento. Mesmo assim, o *sexting* figurou em terceiro lugar nos tópicos de atendimento (SAFERNET BRASIL, 2021). Os dados da Safernet apontam que ocorrem distinções de gênero, no número de pedidos de ajuda, quanto à prática do *sexting*, sendo que o maior número de atendimentos é prestado a pessoas do gênero feminino. Tais dados indicam que essa prática vem se disseminando em nosso país, gerando desigualdade de gênero.

Na pesquisa de doutorado de Suzana Conceição de Barros (2014), foi analisada a rede de enunciações sobre o *sexting* em alguns materiais (reportagens, programas televisivos, postagens em blogs e comentários realizados por leitores dos sites) presentes na internet<sup>3</sup>. Na época, encontraram-se 48 materiais na internet, os quais discutiam, de alguma forma, a respeito do *sexting*. Desses, 37 abordavam casos relacionados à produção de vídeos caseiros, os quais mostravam relações sexuais. É importante destacar que alguns desses materiais discutiam sobre os mesmos casos, mas com enfoques diferentes: três abordavam discussões acerca da prática de publicação de fotos sensuais (nudes); oito mencionavam, de modo geral, sobre o *sexting*, apontando causas, consequências, modas, competições, relação dos pais e da escola, sexualidade adolescente, dentre outros aspectos.

No total, foram encontrados 16 casos de produção de vídeos caseiros que mostram relações sexuais, e todos envolvendo adolescentes. Temos, entretanto, indícios de que esse número é bem maior, pois, nos cursos de formação de professores/as e profissionais da educação, oferecido pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola, da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, escutamos diversas narrativas de casos de *sexting* que vêm ocorrendo na cidade de Rio Grande. Contudo, esses casos não se tornaram alvo de discussão na mídia como ocorreu com os casos encontrados ao longo da pesquisa.

Por meio dos dados disponibilizados pela Safernet Brasil (2016), dos dados produzidos ao longo da pesquisa de doutoramento e dos relatos de profissionais da educação, constatamos que crianças, adolescentes, adultos, isto é, sujeitos de diversas faixas etárias, vêm aderindo à prática do *sexting*. Todavia, alguns dados indicam que são os adolescentes que mais aderem a essa prática. De acordo com Thiago Alves (2016), “A cada quatro vítimas, uma delas é menor de idade: o perfil com maior número de casos de vazamento de fotos é entre 13 e 15 anos, segundo dados também publicados pela SaferNet”.

Alguns/algumas autores/as discutem que a prática do *sexting*, na adolescência, ocorre devido a algumas características que seriam “natas” dessa fase, tais como: irritabilidade, sexualidade à flor da pele, inconsequência, entre outros. Para Willard (2013), o fenômeno do *sexting*, entre os/as adolescentes, parece ser o resultado de uma combinação de fatores: a facilidade de capturar e de enviar imagens através das tecnologias digitais, impulsividade, hormônios em fúria, pressão do parceiro e incapacidade biológica de o/a adolescente prever as potenciais consequências prejudiciais, negativas de suas ações. Já para Livingstone e Görzig (2020), esse tipo de conduta está relacionada a questões de romantismo, sendo os materiais enviados com o intuito de conquistar e seduzir o/a parceiro/a, de buscar atenção ou experimentar novas sensações, por exemplo.

---

<sup>3</sup> A produção dos dados da pesquisa foi realizada entre os anos de 2010 e 2012.

O *sexting* não pode ser entendido como algo que ocorre devido a uma “explosão” hormonal ou “afloramento” da sexualidade, que seriam próprios da adolescência. Entendemos que a emergência desse fenômeno esteja atrelada ao contexto histórico, social, cultural e econômico que estamos vivendo. Ele pode ser entendido como um fenômeno que emergiu na modernidade líquida, que é resultado de uma combinação de fatores e de acontecimentos que vêm ocorrendo em nossa sociedade. Dentre esses, podemos destacar o aprimoramento e a democratização das tecnologias digitais; a ênfase de uma sociedade baseada na imagem e no espetáculo; o deslocamento da sociedade disciplinar para a de controle; a mercantilização dos corpos e das sexualidades e o afrouxamento das barreiras entre o âmbito público e privado, entre outras razões.

Os casos de *sexting* que envolvem crianças e adolescentes vêm se constituindo como uma preocupação para algumas instâncias sociais (delegacias, ONGs, conselhos tutelares, escolas, etc.), pois a produção de fotos e de vídeos vem possibilitando proliferações de materiais de conotação sexual. Assim, tais materiais acabam circulando na internet, facilitando o acesso de imagens eróticas e sensuais de crianças e adolescentes a pedófilos/as e abusadores/as.

Além disso, esse fenômeno vem propiciando o surgimento de um outro modo de violência contra meninas e mulheres, já que as fotos e imagens delas vêm sendo utilizadas como forma de vingança. Podemos afirmar isso em função de que, muitas vezes, o material de conotação sexual é postado para que alguém se vingue de um determinado sujeito, como no caso da música em que o homem posta as fotos porque a menina não o cumprimenta nos locais públicos que frequenta.

O envio de nudes, a produção de vídeos de relação sexual, o envio de mensagens eróticas, realizados/produzidos/enviados através das tecnologias digitais com aparato da internet, podem ser entendidos como outro modo de experienciar a sexualidade. Desse modo, o *sexting* pode ser compreendido como uma forma de vivenciar os prazeres, os desejos sexuais e corporais. E as tecnologias digitais, como regimes de luz, possibilitam que as fotos e os vídeos sejam produzidos e disseminados para uma multidão de sujeitos. Tais tecnologias podem ser entendidas como potentes aparatos de visibilidade, uma vez que tornam possível que a sexualidade seja exposta para muitos espectadores/as.

A democratização e a popularização das tecnologias digitais, bem como o aumento vertiginoso de casos de *sexting*, apontam para indícios de que estamos passando por momentos de reconfiguração nos modos de nos comunicarmos. Ainda, indicam mudanças nos modos de vivenciarmos nossa sexualidade.

As referidas reconfigurações vêm produzindo efeitos na educação brasileira, pois os casos de *sexting* vêm invadindo as escolas. Segundo Suzana Barros, Paula Ribeiro e Raquel Quadrado (2015), algumas fotos e alguns vídeos vêm sendo produzidos nas dependências dessa instituição. Assim, ambientes como o banheiro, a sala de aula e as quadras poliesportivas estão servindo de cenário para a produção dos materiais. Além disso, mesmo quando os vídeos e fotos



não foram produzidos no interior do espaço escolar, os casos de *sexting* são discutidos e comentados nesse espaço. Tal constatação possibilita-nos pensar na escola como um espaço de alta “saturação sexual” (FOUCAULT, 2007), em que as questões relacionadas à sexualidade são vivenciadas e discutidas; ou seja, elas se fazem presentes no interior dessa instituição. Sabemos que, na escola, os sujeitos relacionam-se e convivem durante um longo período de tempo. Isso acaba criando algumas condições de possibilidade para que as questões relacionadas às sexualidades e aos gêneros emergem em seu cotidiano. Nesse sentido, consideramos importante que as instituições escolares se proponham a discutir esses temas nas disciplinas que constituem o currículo escolar. Acreditamos ser a disciplina de Biologia um espaço importante para abordagens dessa prática, já que muitas vezes recaí para essa disciplina as discussões sobre corpos, gêneros e sexualidades.

## **2 E, o que o ensino de Biologia tem a ver com as discussões sobre o *sexting* na escola?**

A disciplina de Biologia ao longo da história se constituiu como uma das disciplinas autorizadas a discutir os temas relacionadas à sexualidade, justamente porque está atrelada ao campo biológico, o qual tem, como premissa, o estudo da anatomia, da morfologia e da fisiologia do corpo humano. Logo, em decorrência de essa disciplina ter esse enfoque, os/as professores/as que a ministram são apontados como as vozes autorizadas a discutir as questões de corpos, gêneros e sexualidades pelo viés da materialidade biológica, da naturalização e universalização dos corpos, da dualidade de gênero e da higienização da sexualidade.

Desse modo, quando falamos em corpo e sexualidade na escola, logo surge a ideia do professor de Biologia mostrando as partes do sistema genital, discutindo sobre as infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez na adolescência e a respeito das questões vinculadas à higiene. André Morando e Nádia Souza chamam a atenção para o fato de que os debates sobre os corpos e as sexualidades “que circulam no ensino dessas disciplinas, ancoram-se também nos saberes biomédicos, cuja noção universal de organismo biológico, gera prescrições homogêneas para os hábitos de higiene, a prevenção de doenças e os riscos de uma sexualidade descontrolada e desvinculada da reprodução” (2021, p. 234).

Quando a sexualidade é abordada seguindo essas premissas, no ensino de Biologia, acaba-se estabelecendo apenas um modo de vivenciá-la, que está baseado em uma normalização das condutas, na política do medo, na materialidade biológica, na intimidade como privada e na heteronormatividade (SANTOS, MARTINS, 2021; SANTOS, SILVA, MARTINS, 2021). Com base nesse viés, não há espaço-tempo para a inclusão de temáticas como o *sexting*, prática essa que tensiona os modos de pensar e de viver a sexualidade, pois coloca em evidência alguns elementos que foram estabelecidos como sendo do âmbito privado em nossa sociedade, tais como o corpo nu/seminu, o sexo, os prazeres, os desejos e os erotismos.

É importante que o/a professor/a da disciplina de Biologia trabalhe as questões orgânicas do corpo, porém é necessário que as discussões desses temas estejam também atreladas às questões sociais, culturais e tecnológicas. Os corpos, gêneros e sexualidades não têm relação apenas com genitais, doenças e relações sexuais, mas tem a ver com desejos, prazeres e erotismos. E o *sexting* coloca em destaque a importância de debatermos sobre as sexualidades e as questões de gênero na escola, já que apresenta uma reconfiguração nos modos de viver as sexualidades, colocando em destaque a articulação entre as tecnologias e a exposição do corpo seminu/nu e das relações sexuais. A emergência de tal prática nos possibilita pensar na importância de aproximarmos as questões próprias dessa disciplina com as questões vivenciadas cotidianamente pelos estudantes.

Ancoradas nos escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1975), acerca da literatura maior e menor; em Silvio Gallo (2002, 2007, 2013) sobre educação maior e menor e também em Sandro Prado Santos e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva (2019), Sandro Prado Santos e Matheus Moura Martins (2021) e Sandro Prado Santos, Fabrício Aparecido Gomes da Silva e Matheus Moura Martins (2021), os quais abordam a respeito de uma educação, em Biologia, denominada de maior e menor, buscamos, nesse texto, articular as discussões sobre *sexting* e o ensino de Ciências e Biologia como território de uma Biologia menor.

Deleuze e Guattari propõem o uso do conceito de literatura menor na obra intitulada “Kafka: por uma literatura menor” (1975). Ao empregarem a expressão literatura menor, os autores não têm, como objetivo, estabelecer uma ordem numérica ou classificar a literatura como melhor ou pior. Na realidade, eles consideram a literatura menor como algo relacionado a uma multiplicidade de ideias, línguas e escritas, que rompe com padrões hegemônicos. Assim, a literatura menor estaria no âmbito do revolucionário, da resistência, que coloria em evidência as minorias, quem ou aquilo que é colocado as margens da sociedade.

Baseado nas discussões realizadas sobre as literaturas menor e maior, o filósofo Silvio Gallo (2002) aproxima o termo da educação, abordando acerca das educações maior e menor. A educação maior estaria vinculada às políticas públicas da educação, as quais estipulam e prescrevem o que deve ser seguido pelas instituições educacionais. Paraphraseando Gallo (2002, p. 173), a educação maior seria aquela “pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (2002, p. 173). Já a educação menor, para o autor (2002), estaria vinculada aos atos cotidianos, às relações sociais e culturais, aos saberes populares, etc. Nesse sentido, a educação menor pode ser considerada um ato de resistência, uma vez que possibilita que conteúdos/assuntos/temas que não constituem o currículo oficial e que não fazem parte das políticas públicas de educação sejam debatidos em sala de aula. “A educação menor cria trincheiras a partir das quais se promove uma política do cotidiano, de relações diretas entre os indivíduos, que, por sua vez, exercem efeitos sobre as macro-relações sociais” (GALLO, 2002, p. 175). Nesse sentido, a educação menor propicia que discussões sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades, tão presentes nos cotidianos dos/as estudantes, sejam debatidas nas salas de aulas. Debater esses temas, pelo viés social, em tempos de represarias aos debates dessas temáticas, significa resistir.



Santos e Silva (2019) aproveitam-se dessas discussões a respeito das educações menor e maior e aproximam o conceito para Educação em Biologia. No pensamento dos/as autores/as, a Educação maior, em Biologia, seria aquela presente nos currículos oficiais, que estão ancorados em campos biológicos e biomédicos. Assim, seria uma disciplina que se pretende neutra, universal, normalizante e moralizante. Logo, a educação em Biologia maior acaba abordando as temáticas corpo, gêneros e sexualidades por um único viés, quer seja: o da materialidade biológica.

Santos e Silva (2019), Santos e Martins (2021) nos convidam a pensar em uma educação em Biologia menor, em que as temáticas corpos, gêneros e sexualidades seriam discutidas por caminhos outros, ou seja, por um ensino menos normalizador, regularizador e materialista. Desse modo, as discussões acerca desses assuntos, na educação em Biologia, considerariam muito mais do que o corpo biológico, mas também as diversas vivências, desejos e prazeres. Portanto, essa disciplina atuaria de forma a levar, para a sala de aula, discussões que considerem a minoria, a multiplicidade, as invisibilidades, por exemplo. Assim, construiríamos

Espaços para que a Educação em Biologia possa inventar-se, aprendendo modos singulares de corpos, gêneros e sexualidades, produzindo um funcionamento menor da biologia que esburaca a sua educação maior que impõe um caminho único aos corpos, gêneros e sexualidades (como o mais correto, como ‘normal’) e despartam os gêneros e sexualidades como constituintes e constitutivos do jogo que está na ordem das coisas da Educação em Biologia (SANTOS; SILVA, 2019, p. 101).

Nesse sentido, criaríamos brechas para pensarmos sobre o *sexting*, no ensino de Biologia, para além do certo ou do errado ou dos perigos da exposição da sexualidade. Poderíamos pensar nele pela ótica da experiência, do uso das tecnologias e da sexualidade, refletindo sobre o direito aos prazeres e desejos dos sujeitos, sobre as relações de gênero, entre outros. O ensino de Biologia menor, assim, escaparia aos ditos das políticas públicas, dos livros didáticos e dos discursos biológicos, de maneira a aproximar a Biologia aos atos cotidianos, às vivências e às experiências dos/as estudantes. Isso aproximaria essa disciplina das questões sociais, culturais, sociais e tecnológicas. Dessa forma, abririam-se outras possibilidades para que práticas, como o *sexting*, fizessem parte das discussões realizadas em Biologia.

Quanto mais nos aproximarmos das experiências vivenciadas pelos/as estudantes, maior será a possibilidade de um ensino mais contextualizado, vinculado às questões que ocorrem em nossa sociedade, promovendo a existência de sujeitos mais responsáveis, menos preconceituosos e mais justos. Abrir brechas para discutir sobre corpos, gêneros e sexualidades de formas outras pode ser considerado um ato de resistência, pois escapa os fluxos já institucionais, rompendo com o que foi definido para a Educação em Biologia, ampliando esse campo, que é muito “preso” a uma materialidade biológica. Conforme Santos, Silva e Martins, nesse contexto, a educação, em Biologia, ora funcionaria como “superfícies de estratificação, normalizações e (órgão)nização; ora num plano de resistências, conexões, rizomatizações que cria e flui como campo intensivo. Planos que atuam, operam, funcionam e coexistem ao mesmo

tempo nas superfícies territoriais.” (2021, s/p). É importante criarmos resistências e debatermos aquilo que foge ao dado como natural da Biologia, como a prática *sexting*, já que assim estaremos possibilitando a produção de sujeitos que possam vivenciar a sexualidade de forma prazerosa, responsável e livre de preconceitos. Paula Ribeiro (2008, p. 40), a partir de uma interlocução com Michel Foucault sobre uma ciência sexual e uma arte erótica, busca tensionar a escola como um espaço em que essas temáticas estejam presentes:

Acredito em algumas possibilidades de pensarmos a sexualidade pela via da ars erótica, seja através das reflexões teóricas, que possibilitaram pensar a sexualidade não através de uma ciência sexual – fundada em atributos biológicos que, ao adquirirem o caráter de essência das pessoas, naturalizam as diferenças atribuídas nas culturas aos homens e às mulheres (identidades de gênero, identidades sexuais, posições sociais...) –, seja a partir de uma outra perspectiva, na qual ela é tomada como produzida nos acontecimentos históricos e culturais das experiências das pessoas ao correlacionar nos corpos comportamentos, prazeres, desejos, linguagens, representações, crenças, identidades (RIBEIRO, 2002).

Nesse sentido, acreditamos que a disciplina de Biologia deva promover debates e problematizações acerca do *sexting*. Todavia, isso deve ocorrer sempre cuidando para não cair em discurso moralista, ou seja, fugindo de um discurso que dita o que deve ou não ser feito. Dessa forma, as discussões sobre o *sexting* não devem partir de abordagens acerca do que é certo e o que é errado, ou sobre o que deve ou não ser feito, visto que esse tipo de enfoque é autoritário e não estimula a interação social entre adolescentes e professores/as. Além disso, esse tipo de abordagem se baseia em um modelo de educação em Biologia maior moralista, a qual institui um único caminho a ser seguido.

Segundo Deborah Britzman, discussões relacionadas à sexualidade, realizadas nas escolas, que fiquem atreladas apenas ao certo e ao errado, não são atrativas nem eficientes. “Num contexto desses, as discussões morrem, todo mundo começa a olhar o relógio e os/as estudantes saem da aula sem ter obtido qualquer compreensão sobre suas preocupações, sobre seus desejos, sobre relações sexuais” (BRITZMAN, 2007, p. 86). Os debates com base nessa perspectiva não possibilitam que os/as adolescentes se sintam à vontade para perguntar, para expor suas opiniões nem para interagir com os/as outros/as colegas e com os/as professores/as.

É importante que as discussões em torno da sexualidade e do *sexting* sejam realizadas na disciplina de Ciências e Biologia, mas sugerimos que isso ocorra de modo a propiciar debates sobre o assunto, nos quais os/as alunos/as possam participar, perguntar e opinar. É importante que seja estabelecido um diálogo e não um monólogo em que só o/a professor/a fale sobre o *sexting*. Com esse intento, ele/a pode se utilizar de diversos artifícios para provocar os/as alunos/as a falarem/debaterem a respeito das questões relacionadas à sexualidade, a exemplo do *sexting*. Na concepção de Britzman (2007, p. 86), “Novas abordagens tais como uso de testemunho, do teatro e, de forma mais importante, de discussão do tipo mesa-redonda, mostraram-se como as mais eficazes na tarefa de ajudar os estudantes a perceberem a relevância do conhecimento para suas próprias vidas e para o cuidado de si”.

Um artefato que possibilita que os/as alunos/as discutam sobre o *sexting* é a música com a qual iniciamos o texto, “Eu vou postar na internet” e o seu clip. Esse tipo de produção ou de gênero textual, a canção, pode contribuir para incitar os/as estudantes a falarem, pensarem e repensarem sobre essa prática que vem se disseminando em nossa sociedade. Talvez o uso desses artefatos culturais possibilite que os/as adolescentes percebam a importância de debater sobre a sexualidade, o *sexting* e o uso de tecnologias digitais, possibilitando que eles “atuem no cuidado de si”, tal como sugere Britzman (2007).

Além de propiciar debates sobre o tema *sexting*, a música possibilita pensar sobre os usos dessa prática na contemporaneidade. Embora tenhamos que ter o cuidado de não sermos moralistas ao debater sobre o *sexting*, precisamos discutir a relação entre ele e os usos das imagens íntimas como forma de violência contra meninas/mulher, já que vários materiais íntimos, os quais são divulgados, acabam constringendo, violentando e punindo adolescentes meninas. Assim, ao praticarem *sexting*, são as garotas que mais sofrem violências, o que nos possibilita verificar algumas desigualdades em relação às questões de gênero. De acordo com Alves, “o vazamento de imagens íntimas atinge principalmente mulheres, que representam 81% dos casos denunciados” (2016, p. 9).

É importante salientar que existem vários casos de adolescentes que praticaram *sexting*, principalmente meninas, que passam/passaram por problemas psicológicos e sociais (expulsão da escola, corte de cabelo, reclusão em casa). Algumas, inclusive, cometeram suicídio após terem suas fotos e vídeos vazados na internet. Embora, em muitos casos, a produção das fotos e dos vídeos seja realizada com o consentimento dos sujeitos envolvidos, muitos desses materiais foram postados sem a autorização das vítimas que, na maior parte das vezes, são meninas.

Apesar de essas garotas serem vítimas nesses casos, são elas que acabam sendo culpabilizadas pelo vazamento de suas fotos/vídeos sensuais, eróticos e sexuais. Isso ocorre porque, em nossa sociedade, constituiu-se a ideia de que a mulher deve cuidar, resguardar e proteger sua sexualidade. Desse modo, no momento em que produzem tais materiais, estariam rompendo com essa norma instituída, isto é, com o fato que meninas devem controlar seus desejos e prazeres.

Nesse sentido, é importante estabelecermos uma abordagem sobre esse tema, procurando tratar a prática do *sexting* como algo relacionado a modos de vivenciar a sexualidade. Por outro lado, também precisamos discutir sobre essa violência de gênero que vem se constituindo, em que meninas/mulheres estão sendo humilhadas e difamadas por terem produzido fotos e vídeos e, pior ainda, vêm sendo culpabilizadas pela exposição desses materiais na internet. Enquanto isso, sabemos que os agressores não são considerados culpados, quando as fotos e os vídeos vazam, na internet, sem o consentimento das vítimas. Quando isso ocorre, não são elas as culpadas, porém os sujeitos que expuseram e compartilharam tais materiais para toda a rede, e essa realidade precisa ser abordada na escola.

Nesse viés, as instituições escolares poderiam ser espaços que educam meninos e meninas, para as questões relacionadas aos gêneros e às sexualidades, procurando não focar suas discussões nos modos como as meninas devem se comportar em relação à sua sexualidade (não mande fotos íntimas, vista-se desse modo, não ande com meninos, cuide para não engravidar, etc.). Para Fabiana Marcello, “dirige-se a disciplinarização dos corpos e dos tempos somente às meninas, pois parece serem elas as principais culpadas pelo fracasso em fazer seus corpos dóceis e úteis” (2009, p. 122).

Propomos que os debates que se referem aos gêneros e às sexualidades, na disciplina de Biologia, busquem sensibilizar meninos e meninas a fim de que todos/as possam pensar sobre o cuidado de si, a respeito dos modos de vivenciar a sexualidade e, principalmente, acerca do respeito ao próximo, procurando, dessa forma, erradicar as diversas formas de violência sexual e de gênero, inclusive com *revenge porn*.

Outro assunto que pode e deve ser abordado, no ensino de Biologia, é o uso das tecnologias digitais. É importante debater sobre como os materiais (fotos/vídeos/mensagens) circulam com facilidade, rapidez e instantaneidade na rede. Portanto, é preciso educar para as tecnologias, mostrando as facilidades que elas nos possibilitam (comunicação instantânea, entretenimento, busca de informações entre outras), bem como os problemas e as consequências que elas podem gerar, como difamação, *revenge porn*, *ciberbullyng*. Segundo Macarena González e Elisabet Fernández (2015), é essencial orientar os/as adolescentes sobre as novas tecnologias digitais, discutindo os riscos que elas podem ocasionar para a sociedade e seus benefícios, uma vez que, assim, eles/as poderão se aproveitar de todas as vantagens que as tecnologias podem propiciar ao nosso cotidiano. Desse modo, saberão, do mesmo modo, (re)pensar sobre a prática do *sexting*.

É importante que o *sexting* torne-se alvo das conversas mais aprofundadas em nossa sociedade, com o intuito de que essa prática não seja empregada como forma de aumentar a violência e a recriminação contra meninas e mulheres, produzindo, dessa forma, ainda mais desigualdade entre os gêneros. Sabemos que o ensino de Biologia tem a possibilidade de abrir caminhos para discussões como essas, rompendo a territorialização<sup>4</sup> presente nessa disciplina e abrindo espaços para debates que possibilitassem a construção de um mundo mais justo e de uma sociedade menos preconceituosa e violenta. Discutir sobre o *sexting*, no ensino de Biologia, é uma forma de abrir brechas ao que é instituído como próprio da disciplina. Logo

---

<sup>4</sup> A educação menor possui três (3) grandes características, baseadas na literatura menor: a desterritorialização, a ramificação política e o valor coletivo, nas quais articulamos as discussões a respeito das questões de gêneros e sexualidades na disciplina de Biologia. Com relação à desterritorialização, a educação menor busca romper com as imposições feitas pela educação maior, ou seja, a partir das normas da educação maior, das políticas que ditam como se dará o ensino, a desterritorialização da educação menor atua enquanto geradora de possibilidades para que o ensino seja pensado além do que é imposto nas políticas educacionais (GALLO, 2002; BARROS, OLIVEIRA, RIBEIRO, 2020).



sustentamos um desejo de produzir buracos nos estratos que compõem os territórios da biologia maior que assediam um estar, um ser, um (é) do corpo, do gênero e da sexualidade e buscamos travar o movimento de uma biologia menor. Buracos, enquanto abertura para invenções (SANTOS, SILVA, 2019, p. 102).

Ao abordar os números de casos relacionados a essa prática, ao debater sobre sua emergência e as consequências do *sexting*, não temos, como objetivo, produzir verdades e fazer juízo de valor esses aspectos, mas sim procuramos conhecer, de forma mais aprofundada, essa prática, a qual vem crescendo em nosso país e promovendo muitas discussões. Acreditamos que discutir sobre práticas como *sexting*, no ensino de Biologia, seria uma forma de aproximarmos essa disciplina para os atos cotidianos. Com isso, seria possível romper com o que foi naturalizado pelas políticas públicas de educação, com o auxílio do livro didático, relacionado a essa disciplina. Por fim, seria uma maneira de pensar em Biologia de outras formas, como nos convidam a refletir Santos e Silva ao pontuarem que devemos “produzir passagens e algo que escape do instituído da biologia maior, ou seja, tessituras outras com os corpos, gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia” (2019, p. 101).

Nesse sentido, consideramos que as discussões sobre a prática do *sexting*, no ensino de Biologia, podem possibilitar que essa disciplina mobilize outras questões sociais, culturais e históricas, as quais se apresentam, em nossa sociedade, mas que, muitas vezes, não são acionadas no currículo de Biologia. A exemplo dessas questões, temos a violência de gênero, o amor romântico, a erotização de meninas, os corpos nus, entre outros assuntos. Isso, por sua vez, poderia contribuir para o rompimento de ideias cristalizadas no ensino de Biologia, ou seja, de que essa disciplina deva ser conduzida através do viés biomédico, higienista e anatômico. Assim, entendemos que é importante os/as professores dessa disciplina criem trincheiras, produzam passagens e possibilitem escapes no currículo de Biologia, para que as problematizações sobre corpos, gêneros e sexualidades possam subverter saberes e serem debatidas por meio de múltiplos olhares, a fim de reinventarmos e de criarmos outros caminhos, que possibilitem o experimentar, o viver e o aprender.

## Referências

ÁLVARES, Rafael Lefcadito. **Política 2.0 Youtube: jornalismo cidadão e a campanha online de Barack Obama**. Bauru, 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

ALVES, Nakano Thiago. **#JuntasContraVazamentos: uma análise dos conflitos éticos da campanha publicitária da marca Always**. Disponível em: [https://www.academia.edu/19526460/JuntasContraVazamentos\\_uma\\_analise\\_dos\\_conflitos\\_e\\_ticos\\_na\\_campanha\\_publicitaria\\_da\\_marca\\_Always](https://www.academia.edu/19526460/JuntasContraVazamentos_uma_analise_dos_conflitos_e_ticos_na_campanha_publicitaria_da_marca_Always). Acesso em: 19 set. 2016.

BARROS, Suzana da Conceição de. **Sexting na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia**. Rio Grande, 2014. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

BARROS, Suzana da Conceição de; RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. Sexting na adolescência: problematizando seus efeitos no espaço escolar.

**Perspectiva**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1185 - 1204, set./dez. 2015.

BARROS, Suzana da Conceição de; OLIVEIRA, Natália de Quadros; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Estratégias de educação menor: militando a favor das questões de gêneros e sexualidades na escola. In: WENDER, Faleiro; SANTOS, Sandro Prado; SANGALLI, Andreia (Org.). **Ciências da natureza para a diversidade**. Goiânia: Kelps, 2020. p. 291-319.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 83-111.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FERNÁNDEZ, Jorge Flores. Sexting, sextorsão e grooming. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; EISENSTEIN, Susana; ESTEFENON, Bruno. (Org.). **Vivendo esse mundo digital: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 72-93.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 169-178 jul./dez., 2002. Disponível em: [seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926](http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926). Acesso em: 10 de março 2021.

GALLO, Silvio. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da Silva; SOUZA, Nádia Geisa Silveira de; GOELLNER, Silvana Vilodre; SOUZA, Jane Felipe de (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007. p. 93-102.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 98p.

GONZÁLEZ, Macarena Donoso; FERNÁNDEZ, Elisabet Montoro. Redes sociales y buen uso de internet. Un programa de intervención en el primer ciclo de la E.S.O. In: IBÁÑEZ-MARTÍN, José Antonio; FUENTES, Juan Luis. (Coord.) SIMPOSIO INTERNACIONAL DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN: APRENDIZAJE ÉTICO-CÍVICO EN ENTORNOS VIRTUALES. **Biblioteca Online**, 2015. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=cAbWCQAAQBAJ&pg=PT5&dq=GONZ%20C3%81LEZ%20Macarena%20Donoso%20FERN%20C3%81NDEZ%20Elisabet%20Montoro.%20Redes%20sociales%20y%20buen%20uso%20de%20internet.%20Un%20programa%20de%20intervenci%C3%B3n%20en%20el%20primer%20ciclo%20de%20la%20E.S.O.&hl=pt-BR&pg=PT5#v=onepage&q=GONZ%20C3%81LEZ,%20Macarena%20Donoso;%20FERN%20C3%81NDEZ,%20Elisabet%20Montoro.%20Redes%20sociales%20y%20buen%20uso%20de%20internet.%20Un%20programa%20de%20intervenci%C3%B3n%20en%20el%20primer%20ciclo%20de%20la%20E.S.O.&f=false> Acesso em: 20 março 2021.





LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Comunicação).

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade**: a era da conexão. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n41/alemos.html> . Acesso em: 01 set. 2013.

LIVINGSTONE, Sonia M.; GÖRZI, Anke.: the exchange of sexual messages online among European Youth. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R\\_hfWbE3DwC&oi=fnd&pg=PA151&dq=sexting&ots=xgFY\\_KWBBG&sig=OUwvJxT8HwSASuFuIv5OquCyJUM - v=onepage&q=sexting&f=false](http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=R_hfWbE3DwC&oi=fnd&pg=PA151&dq=sexting&ots=xgFY_KWBBG&sig=OUwvJxT8HwSASuFuIv5OquCyJUM - v=onepage&q=sexting&f=false) . Acesso em: 28 jun. 2020.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, Portugal, v. 9, n. 2, p. 226-241, jul./dez. 2009.

MAX & MARIANO. Eu vou jogar na internet. Site dos artistas: <http://maxemariano.com.br/Musicas>. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AayhwWpZ-Ec> . Acesso em: 10 ago. 2020.

MORANDO, André; SOUZA, Nadia Geisa Silveira de. Corpo, sexualidade e gênero: verdades imbricadas ao ensino de ciências e de biologia. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 1, p. 227-243, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9034/5992> . Acesso em: 25 fev. 2021.

PRIMO, Alex; LUPINACCI, Ludmila; VALIATI, Vanessa; BARROS, Laura. Práticas de comunicação privada na internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015. **Anais...** Rio de Janeiro, 2015, p. 1-15.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental. Porto Alegre, 2002. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas: Bioquímica) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. (Re)Pensando outras possibilidades de discutir a sexualidade na escola In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gêneros e sexualidades**: questões possíveis para o currículo escolar. 2 ed. Rio Grande: Ed. da Furg, 2008. p. 39-43. (Caderno Pedagógico-Anos Finais).

SAFERNET BRASIL. Banner: **Você navega com segurança?** Disponível em: <http://divulgue.safernet.org.br/banners/infografico.png> . Acesso em: 30 jul. 2012.

SAFERNET BRASIL. **Canal Helpline**. Disponível em: <http://helpline.org.br/indicadores> . Acesso em: 20 set. 2016.



DOI: <http://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.542>

SAFERNET BRASIL. **Canal Helpline**. Disponível em: <http://helpline.org.br/indicadores> . Acesso em: 02 fev. 2021.

SALTER, Michael; CROFTS, Thomas. Responding to revenge porn: challenges to online legal impunity. In: COMELLA, L.; TARRANT, S. (Ed.). **New views on pornography: sexuality, politics and the law**. 2015. p. 1-18. Disponível em: [https://www.academia.edu/7833345/Responding\\_to\\_revenge\\_porn\\_Challenges\\_to\\_online\\_legal\\_impunity](https://www.academia.edu/7833345/Responding_to_revenge_porn_Challenges_to_online_legal_impunity) . Acesso em: 19 set. 2020.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 141-152, 2020. Disponível em: <http://sbenbio.journals.com.br/index.php/sbenbio/article/view/314>. Acesso em: 6 jan. 2021.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Manifesto: linhas e maquinações e minorações e biologies e... **Revista Coletiva: Coluna**. Educação e diferenças e... Recife, n. 15, dez. 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n15>. Acesso em: 16 fev. 2021.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Trans-tecendo os territórios da Educação em Biologia: tessituras com os corpos, gêneros e sexualidades. In: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Ed. da Furg, 2019. p. 99-110.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Fabrício Aparecido Gomes da; MARTINS, Matheus Moura. Sexualidades e gêneros e educação em biologia menor e cartografias de suas pequenas redes em livros didáticos - PNLD/2018. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, 2021. No prelo.

WILLARD, Nancy E. Sexting and youth: achieving a rational response. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/49619915\\_Sexting\\_and\\_Youth\\_Achieving\\_a\\_Rational\\_Response](https://www.researchgate.net/publication/49619915_Sexting_and_Youth_Achieving_a_Rational_Response) Acesso em: 28 jun. 2013.

Recebido em março de 2021.  
Aprovado em abril de 2021.

Revisão gramatical realizada por: Ana Paula Benchimol  
E-mail: [apbenchimol@yahoo.com.br](mailto:apbenchimol@yahoo.com.br)

